



## *As montadoras*

## *revêem previsão*

No início do ano, os dirigentes da indústria automobilística previam um crescimento de 5 a 8% nas vendas internas, mas, em função da greve dos metalúrgicos nos meses de abril e maio e da falta de peças em junho essa meta foi revista. Agora, a expectativa é de um resultado igual ou pouco superior ao do ano passado, quando foram comercializados 570 mil veículos no País. Tendo faturado US\$ 1,8 bilhão com exportações em 84, o setor também esperava chegar a dezembro deste ano com US\$ 2 bilhões exportados, mas, agora, um empate com o resultado de 84 já será considerado satisfatório.

Tanto as vendas internas como as exportações ficaram aquém das expectativas neste primeiro semestre. Ao todo, as empresas comercializaram internamente até agora 302.632 unidades desde o início do ano, o que representa um declínio de 8,3% em relação ao primeiro semestre de 84. Para que não haja queda em comparação com o ano passado, as empresas terão de comercializar, a partir de agora, pelo menos 62 mil unidades mensais — no ano passado esse número só foi superado uma vez, no mês de novembro (65,3 mil unidades), e este ano isso ainda não aconteceu.

No mercado externo, a indústria automobilística comercializou até junho 86.550 veículos, o que representa uma queda de 4,8% sobre os primeiros seis meses de 84. Em valores, o resultado foi de US\$ 795,4 milhões, ou seja, 6,2% a menos do que o que foi faturado no mesmo período de 84. O nível de emprego em junho, segundo o balanço divulgado esta semana pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), foi de 135.237 trabalhadores. Isso significa que as montadoras de veículos empregam hoje 13.733 trabalhadores a mais do que empregavam em junho do ano passado.

### **AUTOPEÇAS**

Embora os dados de junho ainda não tenham sido computados, o Sindipeças, sindicato que congrega cerca de 500 empresas brasileiras de autopeças, acredita que o setor deve encerrar o semestre apresentando um crescimento de 7 a 8% sobre os US\$ 2,2 bilhões faturados no primeiro semestre de 1984. O diretor da área comercial da entidade, Franz Reimer, explica que, nos três primeiros meses do ano, o crescimento real apresentado era de 18%, mas em abril e maio a produção foi prejudicada pela greve dos metalúrgicos e, em junho, pelo impasse criado pela indústria automobilística (que não aceitou o reajuste médio de 25% autorizado pelo CIP para o setor de autopeças).

“Apesar desse período de enorme turbulência — afirma Franz Reimer —, o saldo ainda deverá ser positivo graças às exportações e ao mercado de reposição”. Considerando-se apenas as exportações, o crescimento previsto é de 10% (de janeiro a maio, o total exportado foi de US\$ 450 milhões, contra US\$ 400 milhões nos primeiros seis meses de 84). O nível de emprego, acrescenta o empresário, registrou sua primeira queda desde o início da recuperação após a crise de 1981. Foram demitidos 1.200 trabalhadores em maio (ainda não há dados sobre o mês de junho), o que fez com que o número de empregados no setor caísse para 241.150 — já foi de 280 mil antes da recessão.

No início do ano, a previsão do Sindipeças era de que, em 1985, o setor voltaria a representar os 3% do Produto Interno Bruto, como já aconteceu antes da crise (atualmente, o percentual está entre 2 e 2,5%). Agora, em função dos problemas enfrentados no segundo trimestre, a convicção já não é a mesma. Mas, de qualquer forma, as exportações continuam em alta e, até dezembro, o total exportado poderá chegar a US\$ 1 bilhão, o que representa um crescimento de 25% sobre o ano passado. O principal mercado continua sendo os EUA, que absorvem 60% das exportações brasileiras, seguidos da Itália, que importa 10%, Argentina, 6%, e Alemanha, 5%.